

MARTIN GUIA

**ROCHA CASTANHA
DAS ALGAS E LAPAS**

**Prefácio de
António Manuel Couto Viana**



Editor: HUGIN EDITORES, LDA.
Apartado 1326 1009-001 Lisboa
hugin@netcabo.pt
<http://hugin.shopping.sapo.pt>

Capa: CARLOS DUGOS, *As Tágides e o Anjo*

Impressão: PUBLIDISA

ISBN: 972 794 251 2

Depósito Legal: 220512/04

Primeira edição: JANEIRO DE 2005

© 2005, Martin Guia e Hugin Editores, Lda.

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor

MARTIN GUIA

**ROCHA CASTANHA
DAS ALGAS E LAPAS**

Prefácio de

ANTÓNIO MANUEL COUTO VIANA



2004

CARTA-PREFÁCIO

Meu caro Martin Guia:

Você começou tarde a publicar poesia (talvez, até, a compô-la), mas, num curto espaço de tempo, acaba de terminar o seu terceiro (e volumoso) livro de versos, num notável progresso formal e temático.

Li-o, aliás, com o mesmo agrado que tive no primeiro contacto com a sua musa e de sobre ela escrever umas linhas entusiásticas, que você teve a subida gentileza de incluir, como posfácio, na sua segunda obra poética.

Pede-me, agora, o meu caro Martin Guia, umas palavras mais, sobre este *Rocha Castanha das Algas e Lapas*. Honra-me com o pedido, até porque, embora sejam tais palavras de justificado apreço, resultam, apenas, da opinião impressionista de um poeta desprovido de instrumentos críticos actuais, capazes de julgar, com rigor e autoridade científica, o valor da sua inspiração.

A sua amizade veio bater a má porta.

Atrás dela, não vai achar o que exige o seu talento.

Mas, sim, a modéstia de um acolhimento, sincero e sentido.

Se isto lhe basta ...

Na leitura atenta e sempre proveitosa dos seus versos, pude confirmar, logo, o acerto da escolha do título do livro, o decassílabo **Rocha Castanha das Algas e Lapas**, porque ele nos aponta um conjunto de poemas de sugestão líquida, constantemente voltados ao mar, voltados ao rio, penetrados de água.

Desde **Bruma**, onde se integra o nome sugestivo da obra:

“Anémone / de mar prata-espuma / na rocha castanha / das algas e lapas.”

Até outros, muitos, onde o poeta belamente se identifica com a limitação de um rio, sempre ansioso da imensidade oceânica:

“És um rio que quer ver mar” (**O poeta que procura**), ou, de começo mais humilde, “imagino que sou água”, simples água da fonte, até a um final glorioso: “sei que vou chegar / porque sei que sou o mar.” (**Água, meu caminho**).

Em **A ribeira namorou o riacho**, lemos o percurso do rio (o poeta), vindo de um nascimento musical, de “um amor sadio” entre a ribeira e o riacho, para acabar regido pelo homem, na poluição metálica das hidráulicas, na prisão das barragens, desviado do seu itinerário natural, para a solidão do fim. O poeta que permanentemente ambiciona o ser “O rio que a outros sucede” (**Quero ser**).

É forçoso, destacar, de tantos versos de inspiração aquátil, o poema **Cachoeira** que se despenha, alegre, colorido, cristalino, “água prateada / que em oiro se desfaz”, até à explosão da pedreira, que

tudo destruiu, restando, de tudo, “a cicatriz da pedreira, / o anúncio a Coca-Cola / e o cheiro a lixeira.”

O cheiro ... palavra dominante na sua musa eminentemente olfactiva, meu caro Martin Guia, como outra não conheço na Poesia Portuguesa.

Palavra que substitui sinónimos voluptuosos e delicados, como aroma, perfume, olor ou odor (próprios para liras parnasianas e simbolistas), e, na sua rudeza e virilidade, melhor traduz a virilidade e rudeza de alguns dos seus versos naturais:

“paro a caminhada / cheiro ..., / cheira a nada / volto-me / e / desolo / ao / enfrentar / uma placa de cartão / com casas e árvores recortadas / a enquadrar um moinho de papelão ... ! (*Silhuetas*); “fogo / que purificas / e transformas / a estava em cheiro // ar // que és puro // e me cheiras // a pinheiro” (*Moinho*); “e o jardim cheirava a flores prometidas / já esquecidas” (*No sonho alicercei a minha casa*); “Fui o Sopro / que ateia a Lenha / que queimo à Lareira / e teu Corpo me cheira” (*Fui a Sombra*).

A sensualidade é mais densa, mais forte, se se lhe aspira o cheiro: “Se fosse cego / cheiraria / o teu cheiro”; “Se fosse surdo (...) cheiraria o teu cheiro”; “Se fosse mudo (...) cheiraria o teu cheiro” (*Se fosse cego*); ou “entra-me o teu cheiro ...”, “mas no dia / em que o teu cheiro não sentir”, “com alguém / que o teu cheiro tem” (*História*); e, carnal, a “cheirosa” mulata de *Ébano*.

Num dos seus poemas mais perfeitos, *Linho que fia no fuso*, onde um aroma a passado e a presente se confundem na memória, o poeta lamenta-se de “peça mal acabada // porque não sou o teu cheiro.”

E, quando não vislumbra, cheira-lhe: “cheira-lhe / a nada e a tudo”, “a água que sai da fonte / o amor que foi primeiro.” (*O que não vislumbro*)

Afinal, sentindo que a vida o sujou com o seu lixo, a sua podridão, tem sempre um recurso: o mar, que tudo lava, tudo purifica: “o cheiro a podre, a porcaria // e fugi para o mar.”

Mas, meu caro Martin, o cheiro que, sobretudo, me enebria, no seu lirismo, evola-se do saboroso e original poema *Gastronomia alentejana*, que logo conquistou o meu epicurismo, tentando a minha gula aliada às exigências do meu espírito e do meu paladar, onde desfila a ementa tradicional das terras da “*solidão, ai dão, ai dão,*” temperada com fundos sentimentos: “um carregado de borrego / tangarrilha com feijão / um amar sem sossego / molhadinho em paixão // cardos com flores amarelas, / e sopa de saramago, / muitas risadas singelas / envolvidas num afago. // hortelã da ribeira / bem tiradinha da lama, / rosmaninho de brejeira / na roupa da tua cama.”

E, para final, depois do louvor poético a esta cozinha que prima pelo uso dos *cheiros* (ramos de plantas que aromatizam, variadas, as panelas; aqueles “cheiros para a panela” vicentinos d’ *O Velho da Horta*), ei-lo o “café preto com popias, / café que é ferrado / com uma brasa no fundo / a fazer o cheiro do mundo / desse corpo desejado”, pois o poeta não esquece, no prazer da mesa, o gosto da sua sensualidade: “e queiras tu ou não queiras / é a isto que me cheiras.”

Meu caro Martin Guia:

Estas breves referências e citações do seu livro *Rocha Castanha das Algas e Lapas* não significam únicas preferências da minha

sensibilidade, da minha inteligência. Muitos mais poemas notáveis e singulares se reúnem nas páginas dele, como *Mulher de Meia Idade*, *No quente do teu leito*, ou o jogo sábio e subtil da palavra que é *Convento com vento*.

Na composição *Fizemos um filho sem nos tocarmos*, você considera o seu primeiro filho: “um livro”, e o segundo: “um poema”.

Pois pode bem o poeta chamar a este terceiro: a consagração.

Que a tem e a merece.

Seu *ex-corde*

Funchal de Sintra, 2.1.2004

ANTÓNIO MANUEL COUTO VIANA

Às árvores onde me ancore,
Pedro, Irene, Margarida e Luísa.

Fazer poesia
é musicar a síntese.

MARTIN GUILA

Proclamo em voz alta a liberdade de pensamento
e que morra quem não pense como eu!

FRANÇOIS MARIE AROUET (VOLTAIRE)

O Homem só é verdadeiramente livre quando
não teme e não deseja nada.

AUGUSTO PETIET

SAÍSTE DO MEU ESPAÇO

Só quando

fugiste da rotina
do meu espaço
é que senti,

sina tardia,

a falta do suporte do teu braço

e que, sem ele, me fustigava a nostalgia ...

... E foi

com tinta de alegria tornada saudade
que pintei no quadro da minha fantasia
a Paixão que nos conduz à Eternidade
e que um dia vai ser a minha via:

um Céu cinza *cor-da-dor-de-Cristo*,
um Raio-de-Sol que em minha chaga acerta,
uma tabuleta negra dizendo *não existo*
e em baixo, amor ...,

... a tua mão aberta!

GOZA

Goza,
goza o que tens,

goza o que é pequeno,

um chilrear de pássaro,
um dia que é ameno,

um olhar de criança,

o mar que à frente vês,

um trigal que dança,

por ser a tua vez,

a montanha que abriga,

a pragana da espiga,

o relâmpago
luz da escuridão,

o eco de um trovão ...,

goza
o que te escapa

e goza o que houver,

converte a fé em esperança

e dança, dança, dança,

volta a ser criança ...

... e se algo de importante te acontece ...

... aproveita, ou deita fora ...

... e esquece!

PINTEI UMA JANELA NO ESPAÇO

Pintei uma janela no espaço
abri a janela
e fiquei com
uma janela aberta para o espaço.

No espaço da janela aberta para o espaço
desenhei um rio, uma praia,
um castelo e uma saia.

Dei o espaço à janela,
o rio à praia,
o castelo à paisagem ...,

... pintei uma donzela
e busquei uma aragem.

Depois,
sentei-me na praia,
olhei para o castelo
e subi a bela
na Torre de Atalaia.

Como queria uma miragem
disse: *sopra aragem*

e, sozinho na praia,

embebedei-me

na voragem da saia

que rodou na Atalaia!

MULHER LINDA QUE ÉS BALANÇA

Feita do rubor de uma criança
mulher linda que és Balança

abrigas no teu corpo quente

a Vénus de amor ausente
que suspiro teu foi roubar

para passar a ser amar!

Flutuas no respirar,
iguais a noite ao dia ...,

... fico a pensar como seria

rodopiar numa dança
com a mulher que balança
entre a mulher e a criança ...,

... ficava-te bem uma trança (!)

... a balançar meio esquecida
junto aos seios que Deus te deu,

algarismo teu ... é o seis ...,
... azul claro ..., a cor boa ...
... e a pedra ..., a crisolita ...,

a pedra da mulher bonita

que é bonita pessoa!

NASCER DO SOL

Fui ver o Sol a nascer

sobre a Catedral

que nos céus se fundia

e vi que ao iniciar do raiar

a Sombra aparecia!

Cisme!

e fiquei a entender

que o Sol e Deus nasceram

para a Sombra viver!

BRUMA

Anémoma
de mar prata-espuma
na rocha castanha
das algas e lapas,

paredes cinza-prata
pintadas de bruma
do sol que se esfuma,

ronca, nevoeiro,
perigo, marinheiro,

passado,
saudade,

ausente,
pungente,

nu,
céu ...,

... tu, eu!

SE FOSSE CEGO

Se fosse cego

cheiraria o teu cheiro,
percorrer-te-ia com as mãos

e apertar-te-ia nos braços.

Se fosse surdo

leria os teus lábios
cheiraria o teu cheiro,
percorrer-te-ia com as mãos

e apertar-te-ia nos braços.

Se fosse mudo

leria os teus lábios,
cheiraria o teu cheiro,
percorrer-te-ia com as mãos,

apertar-te-ia nos braços ...

... e sufocava

... porque a voz me faltava!

GASTRONOMIA ALENTEJANA

Desde já assento

que onde está uma alentejana
está também um monumento!

Coentros, ovos e alho
aquecidos no borralho
desse ventre que é o teu,

catecuzes e poejos
embrulhados nos desejos
do corpo que Deus te deu,

alabaças e pimentão
com cosmética de azeite
de amor que é aceite
bem batidos com Verão,

um carrego de borrego,
tangarrilha com feijão,
um amar sem sossego
molhadinho de paixão,

gaspacho da tua terra
sem que lhe falte pepino,
beijinhos e desatino,

cardos com flores amarelas
e sopa de saramago,
muitas risadas singelas
envolvidas num afago,

hortelã da ribeira
bem tiradinha da lama,
rosmaninho de brejeira
na roupa da tua cama,

pão,
queijadas de requeijão,

arroz doce
e flor de laranjeira
se for a vez que é primeira,

tosquiados, lavadinhos,
acelgas em esparregados,
desejados carinhos
e abraços apertados,

azevias,
café preto com popias,
café que é ferrado
com uma brasa no fundo
a fazer o cheiro do mundo
desse corpo desejado

e queiras tu, ou não queiras

é a isto que me cheiras!

O POETA QUE PROCURA

Nos mistérios da procura

o poeta que é atento
sobrevoa, não actua,
paira no sopro do vento,

é papagaio de papel

que desespera na espera
de puxar o teu cordel

para mais alto voar,

é desatino a cantar,
peregrino em romaria,
é a luz que faz o dia
do dia da alegria ...

... e no ensejo do desejo

é o desejo de um beijo ...

... papagaio que vais no ar

és um rio que quer ver mar!

LINHO QUE FIA NO FUSO

Linho que fia no fuso

sou rosca de parafuso
com o passo pouco certo,

sou vida, sou campo aberto,
fio que se enfia na agulha,

sou brasa que faz a fagulha
que ateia a tua estopa,

sou parte da tua roupa
bem coladinha na pele,

sou boião cheio do teu mel,

sou teu quarto, tua cama,
fronha da tua almofada
que quer ser atirada,

sou adufe, sou pandeirão,
sou canção e sou balada ...,

... sou peça mal acabada

porque não sou o teu cheiro!

MULHER DE MEIA IDADE

*Mulher de meia idade ...,
... acalma ..., és tão bonita!*

Suavidade na expressão do olhar ...
... que vagueia perdido
em sonho de futuro,
ou de passado ...,

discreto arredondado
da cara, das ancas e dos seios,
quase a encher as rugas
que na face despontam
e as estrias do ventre
dos filhos já paridos ...,

memória dos anseios sofridos
e do crisar dos olhos nas horas de doçura ...,

... a pele mais macia, mas ainda dura ...,

... os seios mais pesados
amparados na magia
da vida que já foi ...,

... o andar dolente ...,
... complacente ...,

... o desejo experiente
e exigente ...,

a posse mais violenta, mais sentida,
enterrada em montanhas de carinho ...,

... mulher de meia idade, estou sozinho ...,

... agora que és mais bonita não me esqueças

e que tu, para mim, nunca envelheças!

PERSPECTIVA

Vem ...,

vem comigo ver
o vale que é meu,

de largo cem metros,
cem metros de fundo,
o céu, seu limite,

tão amplo e aberto
que quero seja teu!

Comigo imagina

que as paredes se alongam,
prolongam ..., prolongam ...

e que no seu prolongar,
nesse vale bendito,

são o nosso infinito!

Com a mesma largura
e a mesma altura

verás o vale estreitar
e transformar-se
num ponto ...!

Tudo isto te conto
para te alertar
como o teu amor será

no alongar de paredes
do tempo que virá:

pleno,

embora o sintas mais pequeno!

CACHOEIRA

Na serra ...

... a cicatriz da pedreira,
o anúncio a Coca-Cola,
o cheiro da lixeira ...

... e uma cachoeira ...

... de água cristalina
que lhe lê a sina
no saltar das rochas
que murmuram paz,

água prateada
que em oiro se desfaz

e no seu desfazer
rega a urze
que emoldura a giesta

que namora a acácia
e beija a mimosa

que é prima da rosa
e ama o alecrim ...

... e é a festa, a festa da cor,
a festa sem fim!

Mas veio a explosão da pedreira
que nivela e abala ...,

a cor ficou dor,
a cachoeira sem fala,
a urze murchou,
a ave abalou,
a giesta morreu,
a pedra sofreu!

Ficaram:

a cicatriz da pedreira,
o anúncio a Coca-Cola
e o cheiro a lixeira!

SONHO E REALIDADE

Misturei o sonho
com a fantasia,

acordei na realidade

e encheu-me a saudade
da bela lenda

que a sonhar vivi.

Decidi

sonhar a realidade,
despertar sem saudade,

sair do medonho ...

... e bem acordado

viver o sonho!

SORRISO

Sorriso
não esboçado

e só por dois partilhado

é promessa de amanhã
com sabor a já ter sido,

é sorriso já vivido
que só a dois acalenta,

é segredo dele e dela
temperado com canela
e pitada de pimenta,

ternura já nascida
que quer ser revivida
no sorriso não sorrido,

é prolongar de olhares
de lábios que estão selados
em olhos semi-serrados ...

... por saber ...

... de já ter sido!

SE FOSSE DEUS

Se fosse Deus ...

não haveria adeus,
nem serpente

e faria
quase tudo diferente!

À minha imagem
criaria a mulher
que engravidaria
para fazer o homem

que, nosso filho sendo,
seria terno e bom.

De seguida
criaria o som ...,

... depois da mulher
meu invento primeiro.

O som mais forte
seria o de um ribeiro!

Não inventaria a morte,
nem azar, nem penar.

Só criaria a sorte
que alindaria com o amor,
a serra, o céu,
a brisa, a cor,
o pôr-do-sol, o luar ...,
... as flores e o mar

É óbvio que não faria o frio,
a dor, o ódio e a guerra.

Tenho dúvidas que criasse a Terra.

A mulher e o homem
falariam em directo comigo
sem olhar para o umbigo!

Não promoveria nada divisivo,

idades, religiões,
políticos, partidos,
regiões, comarcas.
línguas, clubes, sexos,
palácios, barracas,
moradias e anexos ...,

... ou outros opostos a outros opostos.

Não haveria trabalho,
só jogos e cartas de baralho ...,

... não haveria dinheiros,
estrangeiros, ausências,
previdências e doenças ...,

... só presenças!

Pensando melhor,

sexo, sendo alegria,
ficaria!

Agora medita e diz-me:

Se no Olimpo

houvesse uma eleição

votarias em mim, ou não?

NASCI FEIO

Nasci feio ...,

... mas por dentro era bonito ...

(acho mesmo que por dentro
todo o recém-parido é bonito)

e sendo assim por dentro

o que escrevesse, um dia,

bonito seria!

Mas

os donos das *verdades únicas* encheram-me de *únicas
verdades*,
os especialistas em *não faças que é feio* ..., ... de *são feios e
não faças*
e os detectores de *errado* ..., ... de *classificações de pecado!*

Cedo fiquei cheio de *não faças que é feio, pecados e únicas
verdades*
que se chocaram, engravidaram ...,

até que eu próprio pari

os meus *não faças que é feio, únicas verdades e pecados* ...,

filhos, ou enteados dos *são feios e não faças, pecados e únicas
verdades* ...

... dos outros!

...

Deitei fora o recheio

dos meus *não faças que é feio, verdades únicas e pecados*
(os dos outros também),

regressei à mãe ..., voltei a ser bebé ..., fiquei bonito ...

... e hoje só escrevo bonito!

HOMEM DÍGITO

Era o homem vivo
que, sina minha,
até nome tinha!

Depois,
como a um energúmeno,
passaram-me a homem letra,
ou a homem número
e arrumaram-me
por conjuntos, grupos,
ou assuntos.

Hoje

sou o homem
que não sabe tabuada

que

de derivada em derivada

passou a homem nada!

BARCA DA ESPERANÇA

Na Barca da Esperança,

para sulcar o mar
estivei à proa a Juventude
que foi minha.

Para traçar
a rota da Verdade
alojei à ré a Idade que já tinha.

Com a Fé do Homem que não teme
instalei o Hoje à roda do meu leme

e ao buscar a Liderança
que pilotaria a Esperança

decantei a Saudade
no cais da Tempestade.

Depois zarpei,
velas desfraldadas, alísios a favor,

para bolinar Creonte,
cruzar as Trevas e bordejar a Dor.

Arrostei com marés, mares e procelas,
enfrentei revoltas e querelas ...,

... tudo fiz ...,

mas só cheguei à Esperança

quando atraquei

ao Sonhar de uma Criança!

SOU O SENHOR

Sou o Senhor do Ar

que enfuna velas,
sopra no mar,
faz pão, procelas
e afunda caravelas;

sou o Senhor do Frio

que arrefece no Sul,
gela no Norte
e corre para o centro;

sou o Senhor do Pobre

sem sorte e sem norte,
sou o frio que tem dentro
a cara da morte;

sou o Senhor da Água
que em nós desagua,
que é morte e é vida
e se junta ao frio
para fazer o gelo
que vejo no rio;

sou o Senhor do Fogo

que queima e abrasa,
que mata, arrasa
e faz o deserto,
o vulcão
e o vento suão;

sou o Senhor

das gentes, dos bichos, dos amores,
das árvores, das frutas e das flores;

sou o Senhor

das terras, dos riachos e das guerras;

sou o Senhor

da vida e da morte;

sou o Senhor

do azar e da sorte;

sou o meu Senhor

e sou o teu Senhor.

Só não o Senhor do Tempo!

A RIBEIRA NAMOROU O RIACHO

A ribeira
namorou o riacho,

casaram, amaram

e desse amor sadio
em tom de sinfonia

nasceu o rio,

água límpida,
sonata de Brahms

que na cachoeira
a Chopin passava ...,

... cantava, dançava ...

e voltava a ser Brahms.

Depois veio o homem
reger a orquestra ...,

... inspirou se em hidráulica,
polui se em metálica,

musicou a barragem
e compôs a estiagem.

A música fugiu,
o rio partiu

e saiu do caminho ...,

... transformou-se em areia

e ficaste sozinho!

ILHAS VERDE ESCURAS

Grandes, muito grandes,

plantados em crateras de vulcão,
lágrimas de lado repousando
que começando em oval
se amendoam na paixão.

Ilhas verde escuras,
férteis e maduras

a contrastar
com a profundidade azul-mar
dos lagos das crateras ...,

... fileiras de coqueiros, palmeiras
e recifes de coral ...

...

... quimeras ...,

... escolhos ...,

... os teus olhos!

ÁGUA, MEU CAMINHO

Quando sozinho,

envolto em dor e mágoa,
procuro o meu caminho
imagino que sou água.

Cavo desfiladeiros,

separo montanhas,
devido-me em ribeiros ...,

... infiltro-me, contorno,
alargo e estreito-me
em barragens,

condenso-me, evaporo,
sou fruto de miragens,

alio-me ao vento
e faço-me erosão,

despenho-me em tormento
e passo a ser paixão ...,

... sei que vou chegar

porque sei que sou o mar!

LUZ QUE DIVIDE

Se a luz do dia divide a escuridão

em raças, casas, rios, montanhas,
amos, homens, mulheres e servidão

e se, sendo rico, te perturba a injustiça ...,

não precisas de ir à missa ...,

... pensa que é só história,

desliga o interruptor da dor
e da memória ...,

... não me dê a mão

e mergulha outra vez na solidão!

SILHUETAS

Nas silhuetas
verde-escuro,
quase pretas,

das árvores, casas
e moinho

que o contra-sol
do Sol de fim de tarde

desenha no cimo da colina

procuro,

numa ânsia de verdade,

qual a realidade
pelo Astro projectada

em mim
e no fim do infinito!

Mais perscruto,
mas sinto que não chega,

que sinto fantasia
onde quero verdade,

desespero para saber
o que o monte esconde

e desejo eu mesmo ser a realidade!

No suor da escalada
início a caminhada,

salto o cume
e desço a riba
que cai no regato
que recorta a planície,

sigo a sina e cego corro
morro após morro
na rota do Sol
até chegar à Estrela!

...

Paro a caminhada,
cheiro ...,
cheira a nada ...,

volto-me

e desolo

ao enfrentar uma placa de cartão

com casas e árvores recortadas
a enquadrar um moinho em papelão ...!

...

Junto ao moinho choro a minha sina
de sombra projectado no cimo da colina!

Choro porque estou triste

e porque o meu corpo não existe!

MENINA TRISTE

Menina triste

no cimo da falésia
cabelos ao vento
e mar a seus pés,

menina triste

que em mulher existe
tal castelo de proa
que corta o vento
e com o vento voa,

menina triste

que quer navegar
e que não desiste
de sulcar o mar

na busca do sol
que a vai aquecer
para nele rebolar
e ficar mulher,

menina triste,

de sorriso triste

que só quer viver!

MOINHO

Terra

que me serves
para criar
e és
fecundidade.

Fogo

que purificas
e transformas
a esteva
em cheiro.

Ar

que és puro
e me cheiras
a pinheiro.

Água fértil

que me lavas
a saudade.

Mão

que semeias
a semente.

Sol ardente

que se aquece
na paixão.

Coração,

moinho
que te transforma

no meu pão!

AO SABOR DA CORRENTE

Corro para o mar

na busca da maré
que me fará escapar
ao vulcão do teu corpo

e aos sargaços e escolhos
dos teus braços e olhos.

Fruto maduro
do ido e futuro

flutuo e vagueio
sem dor, ou receio
na crista da vaga
da aura que é vento
do sol que me afaga ...,

... passeio docemente
ao sabor da corrente

sabendo de antemão

que num canto remoto
haverá uma erupção,

depois um maremoto ...

... e que contuso e confuso,
envolvido em lava,

irei acostar ao fim do teu mar ...,

... para ser um grão de areia do areal

que aperta o teu corpo de coral!

CONVENTO COM VENTO

Convento com vento,
moinho de vento,
azinha do mar
da onda a girar,

vento cata-vento
do vento convento
que é reza espalhada
ao sabor do vento,

convento
com vento oração
de prece rezada
ao vento são ...,

... vento convento
da espiga suada
que baila no vento ...

... do convento com vento ...,

... vento devoção,

... teu trigo

e meu pão!

MOVIMENTO

Sacadas, janelas
viradas ao sol
de costas para a chuva,

telhas, cata-ventos,
lamentos do vento
que sopra do norte
e enche as velas
que vogam para sul,

movimento,

mar cinza azul
que agita a procela
e é vida saída da morte,

movimento,
alento
que é sina e é sorte,

rosa do vento,

ventura, destino,
vadio, peregrino ...,

... movimento
da onda que dança

e é esperança
que avança

e se espraia na areia ...,

iamanjá, sereia,
baleia, golfinho,
correr, corridinho,

vida, samba ...,

... corda bamba!

NÃO VIVI

No Cais do Além,

ávido de Vida,
bebi da sua Fonte,
corri e apanhei
a Barca de Creonte.

Nas Trevas naveguei

direcção ao Sol Nascente,
mas veio a Tempestade
e voltei ao Sol Poente ...,

... tivera a pouca sorte

do Cais da Minha Vida
ser também da Minha Morte,

ou

não vivi, nasci morto,
meu pai um bisturi,
minha mãe um aborto.

Nado morto sem afecto,
fui um feto!

NO SONHO ALICERCEI A MINHA CASA

No sonho alicercei a minha casa.

A casa não tinha sobrado, janelas, ou telhado
e o jardim cheirava a flores prometidas

já esquecidas.

Abri a porta, entrei ...,

... precipitei-me ...,
atravessei a nuvem e o sonho
e despenhei-me em terra.

Não acordei dilacerado

porque sonhara acordado!

NOITE SEQUESTRADA

Na depressão
que te abraçou,

eu,
a quem mais amavas,

fui o alvo das raivas
do mal que te assolou.

Sem culpa formada

fui acusado, ofendido,
declarado culpado ...,

quase que agredido!

Por muito te amar
tudo suportei

na esperança
do regresso
de um sorriso.

Saíste do meu leito!

No caminho
perdeste
o respeito!

Um dia acordaste
e foste de abalada,

o teu sorriso
emigrado noutro lado!

Eu ...?

Eu entrei em depressão
e não sou hoje mais

do que uma noite sequestrada

na tristeza da tua escuridão!

COCKTAIL

Tenho no bar

partidas, chegadas,
corridas, largadas,
mentiras, verdades,
mulheres e saudades ...,

... músicas, danças,
crianças, esperanças,
amores, oceanos,
deuses, pedreiros,
paisanos, guerreiros,
vidas, mortes,
azares e sortes ...,

... antigos, modernos,
céus e infernos ...,

...

que misturo
num *shaker* ...,

...

... e ficas a saber

que o paladar
do *cocktail*
que te sirvo
quando escrevo

tem o agitar das minhas dúvidas ...,
gelo ...

... e a dose que Deus julgou conveniente

de cada ingrediente!

CONFISSÃO

Confesso que entrei em ti

para dissecar o teu ser,
separá-lo do corpo,
saber da tua alma ...

... e porque não confessar,

agora que tudo acabou,

para que entendesse
como eu próprio sou.

O corpo era lindo,
a alma vazia

(não tinha paixão ...,
nada era bem-vindo ...,
não amava os seus),

só tinha a heresia
de um belo corpo
a igualar-se a Deus!

Deitei fora a alma que tão vazia era,
desfiz-me do deus-corpo que nunca fora meu

e respeito-me muito
porque não doeu!

CONTEMPLAÇÃO

Perco-me

na contemplação do fim do mar,
da serra que segue à montanha,
do rio que a outros sucede,
da planície que sai da campina,
das mulheres que gostaria de amar,
do arranha-céus que me esconde a cidade,
da sina que a cigana votou,
do que farei para ter felicidade,
do mundo que Deus germinou ...

... e não vejo o desejo
da maravilhosa flor
que a meus pés está ...,

... que se dá ...

e que para ter ...

... é só debruçar-me
e colher!

No restante é o mesmo,

perco-me no sonho
e não reparo
na maravilhosa realidade

que és tu

que estás ..., ... te dás

e moras a meu lado!

CRISPAÇÃO

Só vejo

agrestes florestas

de mãos e braços
revoltados ...,
crispados ...

... a segurar

punhos,
cavilhas,
bandeiras,
vísceras espalhadas,
vascas derradeiras ...,

medonhas montanhas
de mãos sem braços
a emergir da terra ...,

dor, guerra,

mãos que matavam
e que no seu estertor
na terra se cravam ...,

... tormentos,
desmembramentos,

mãos que para torturar se crispam,
mãos torturadas crispadas de pavor ...

... morte, dor, desilusão ...

... meu Deus, relaxa-me o braço,

faz que eu seja abraço

e espalma a minha mão!

ESPAÇO

Entrei na tua casa,
no teu espaço,

vivi o abraço

e entendi,

tal como o sol
que emerge da bruma ...,

que a casa e tu eram uma ...,

... que tu eras a casa e a casa eras tu,

arrumado desarrumar
de quadros e de telas,

tectos altos
e recantos quentes,

memórias de recordações
ausentes,

cores atentas
que de cinza
passam
a aguarelas,
riem ...

... e voltam a cinzentas ...

... no dar e partilhar da cor...,

no desmanchar do leito
e na dor contida

na teia da Terra que te enleia

e que queres seja vida ...,

junco, vime,

sal do mar que em mar se redime ...,

... tu ...,

...casa, espaço ...,

... mãe, regaço!

FALÉSIA

Na tarde que desmaia,
sentado na falésia
olhava para a praia ...!

Vi-te lá em baixo
avançar para o mar ...,

mas, no primeiro enleio,
foi a água que veio ...

... e a água ia e vinha
como uma armadilha,
molhava-te os pés
e tu eras ilha ...

... rodeada de prata,

a água fugia
e tu eras mata
que do mar abriga
quem nada e que periga ...,

depois ..., ponto negro
num traço vermelho
a afastar-se do mar ...,

que se engrossou
para te sequestrar.

Fugiste!

O mar chorou salpicos de espuma,
fez a onda voltar, ela e tu foram uma

e a onda do mar aprendeu a nadar
no enrolar das ancas que suave ondearam

nos degraus da escada

que te trazia à minha estrada!

FANTASIA

Fábula fantasia,

verdade encantada
filha da magia
da noite sonhada,

sonhos, castelos,
são jorges, dragões,
huris, anelos;
cides campeões ...,

um olival,

muitas pombas,

ramos de oliveira,

as terras sem bombas,

cantares de ribeira ...,

...

fábula fantasia
da noite que é noite
mas finge ser dia ...!

E agora
que a manhã chegou

quero ser a realidade

do que eu mesmo sou!

FIZEMOS UM FILHO SEM NOS TOCARMOS

Eu não queria, tinha medo,
não sabia se devia ...,

... pensei que seria cedo ...,

... num adiar protelado
vizinho da castração

e foi a mão que era tua
que na minha se poisou

e comigo assim falou:

*avança, amigo, avança,
não desistas vive a esperança
do viver de uma criança,*

que a seu tempo nasceu,

de que foste a mãe-madrinha
que filho-afilhado acarinha!

Perdi o medo e depois

abristes as asas e cuidaste
dos pintos de outra ninhadas

sempre por ti bem tratadas ...,

... e sem jamais nos tocarmos
mil filhos mais engendramos ...

... cadilhos do teu penar
e dos outros a quem sirvo
as rimas da minha pena,

nosso primeiro filho ..., um livro ...,

nosso segundo, um poema!

FUI A SOMBRA

Fui a Sombra

que passa no Monte,
arrefece o Rio e a água da Fonte,
faz o Fim do Dia e traz a Nostalgia,

fui o Sol

inventor da cor,
que faz o seu Pôr e também o seu Nascer,
mas menos colorido por estar meio dormido,

fui o Sopro

que atea a lenha que queimo à Lareira
e a teu Corpo me cheira,

fui Fogo e Azenha

que fazem Trigo e Pão,

fui Vinho e Refeição

da Mulher que me é querida,

**fui Alegria vivida,
Penedo de Riba,
irmão do Condor.**

fui Amo e Senhor,
fui Páscoa e Entrudo,
fui Gente e fui Tudo.

Hoje ...

... no Mundo em que vivo

sou Coisa com defeito
sem Chama e sem Jeito,

sou Coisa emigrada de Si e da Vida,

Coisa velha perdida numa Teia de Aranha ...,

... sou Gaivota ferida em plena Montanha!

FUI BUSCAR-TE

Fui buscar-te, saí,

vimos um pôr-do-sol,
comemos,
levei-te a casa,

subi ...,

...

fui subindo
e ficou lindo ...,

... eu num lindo calmo lento,
tu, num lindo com mais pressa!

...

O meu lindo calmo lento
fez chegar-te o desalento ...,

... apagaste a chama acesa,
desapertaste o abraço
e retiraste-me o espaço!

Somei a desilusão
a metros de safanão

e vi que me afastaste

quarenta degraus, um patim,
dois patamares, um jardim

mais os espinhos de um enleio ...,

... e quando fui buscar-te
para mais um pôr-do-sol ...,

... comemos ...,
mais tarde levei-te a casa ...,

... mas não saí do passeio!

HISTÓRIA

Fugiste..., fugi ...,
esqueceste ..., esqueci ...,

mas se fugaz
me vens ao pensamento,

entra-me o teu cheiro ...,

primeiro audaz,
depois mais lento ...

em caprichosas ondas
de memória!

Mas no dia

em que o teu cheiro
não subir

deixas de ser história
e deixo-te partir!

Horror, maldição!

Partiste, não existes,

mas agora, por uso,
quando cruzo com alguém
que o teu cheiro tem,

assaltam-me,
tal primeiro dia,

a tentação e a nostalgia

dessa pele
que era minha,

tua,

cheirosa e nua!

INCERTEZA

Certezas não,

não tenho,
não quero,

é tudo ilusão

e ilusão é até

a certeza
da inexistência
da certeza!

Quero

a incerteza
que o mar
agita

e me faz flutuar

na leveza sem rumo

do sem rumo ao nada

para chegar ao nada

que habita o infinito

e no tempo se acaba!

...

Quero sair

sem saber se sou, ou se vou partir,

quero largar

sem saber se estou, ou aonde chegar!

LUTEI

Lutei ...,

lutei
contra as ondas
para ser rebentação
e alcançar o mar.

Remei ...,

remei
contra o mar
para ser
o fim do mar
que o sol
abraçava.

Voei ...,

voei
para o sol
para ser o sol
que na Terra
mandava!

...

Vi Ícaro a chorar ...,

por isso mergulhei direcção ao mar ...,

mergulhei, mergulhei

e deixei-me vogar numa forte corrente
que para me salvar a Terra apontava.

Em Terra assentei!

Depois?

Depois só amei!

NÃO SEI O QUE É

Não sei o que é,
ou porque é,

mas apetece-me
fazer coisas contigo!

O quê? Porquê?

Não te digo
porque não sei.

Só sei que não estavas
e que estás ...

... e que estarás

enquanto
te apetecer
fazer coisas
comigo

porque,
como disse,

me apetece
muito

fazer coisas

contigo!

NÃO SEI O QUE VAI SER

Não sei o que vai ser,
ou como vai ser,

só sei que vai ser!

O quê?

Não sei

porque não sei
o que não é
e vai ser.

Quando for

saberei o que não foi,

não é ...

... e passou a ser!

NO QUENTE DO TEU LEITO

Depois do amor feito

no quente do teu leito
repouso sonolento,
na paz desse momento!

Apetece-me falar,

contar-te como sou,
as coisas com que sonho,
explicar para onde vou ...,

... despir-me do medonho
e ser o som do que foi bom!

No fundo quero ser eu,
sendo só teu ...,

... mas veloz passa o ensejo ...,

pois no silêncio do desejo,
no tombar do sono redenção,

só murmuro num sussurro:

amor, dá-me um beijo,

aperta a minha mão!

NUVENS NEGRAS

No horizonte
das nossas paixões

só vejo nuvens
carregadas ...,

electricidade ...,
chuva ...,
relâmpagos ...,
trovões ...,

mas não receio

a dor,
o raio,
a tempestade,

só temo,
no porvir,

o frio

das sombras
deixadas
pelas nuvens

ao partir!

O SOM ESTÁ NOS NOSSOS OUVIDOS

*O som está nos nossos ouvidos desde
o próprio dia do nascimento e é assim
indiscernível do seu contrário, o
silêncio, visto que, o som e o silêncio
são discriminados por contrastes mútuos.*

Aristóteles

Segundo o filósofo
é pelo contraste
com o silêncio
que o som existe.

Porém
é na harmonia
do som
com o silêncio
que nasce a sinfonia!

Contraste em harmonia,
harmonia em contraste,

sonância e dissonância!

Londres, teatro, *Evita*,
vinte e um de Janeiro,
mil nove e noventa e um:

16 pares de negro vestidos,

equidistantes
quatro a quatro
num quadrado.

Palco branco ..., um tango ...,

tárárírira, trárírira, táríriraaa ..,

avança pé, junta pé, dá um passo,
avança pé, junta pé, dá outro passo,
recua passo, junta pé, recua pé,
recua passo, junta pé, recua pé,
para o lado, gira,
avança pé, junta pé e dá um passo ...

no fio invisível que lhes limita a vida,

em cada avanço, um caminho,
em cada recuo, o sítio de partida ...,

peças de xadrez
que na sua vez deslizam

em

triângulos,
rectângulos
e quadrados!

Música, músicos, público, argumento,
luz, contraste, silêncio, movimento,
esperança, homem, bailarina, dança

atentos ao som que lhes deram por bom ...,

... pautados ..., sincronizados ...

... na Sinfonia da Pausa da Harmonia!

POLVARANHA

Tentáculos de polvo, cuspo de aranha,
ventosas, teia e artimanha,

só perfídia ...!

Insinua-se rastejando,
progride pausadamente,
devagarinho,
sem pressa no caminho,
lentamente ondulando
sem desviar o olhar

de cadela submissa que o dono fita ...,

mas é só fita!

Não tem amo, ou senhor,
tem a ciência de predador
das prostitutas de Jerusalém ...,

... engoda, isca, trata bem ...
... para melhor enlear e morder,

tudo serve, sedução, prazer,
verdade, mentira, indignação,
paciência, impaciência, persuasão,

tudo meditado ..., estudado,
sempre a urdir, sempre a tramar!

Contrariada,
para fazer o que lhe apetece
finge que adoce!

Louva-a-deus nojenta
pelos filhos começa,
sem pressa,
tem toda a sua vida ...!

Saliva peçonhenta,
cuspida,
urde a teia, enleia ...
... para melhor prender,

tentáculos que apertam,
castram, abafam ...,
... não deixam crescer!

Boca triangular
borrada de encarnado
para bela parecer,
sem pressa
entorpece a presa ...,
... sanguessuga,
suga-a até morrer!

Centro da teia
que é o seu mundo
sem presas não vive.

Nelas se alimenta
para com elas jogar
e menina parecer!

Peito grande,
parece um triângulo,
pele esticada
com ar de enrugada,
olhar de prostituta,

sempre tudo teve,
sempre tudo quis,
quando enfrentada
quebra o verniz.

Regateia, espuma,
bate com os tentáculos,
baba-se ...,

... chacal hermafrodita
sem compaixão
renova-se nele próprio,
come e cheira podridão.

Porque existes?

PALAVRA

Para que serves

palavra

quando és sonorizada
na palavra apalavrada

da palavra sem palavra?

Para que serves

palavra

quando és só cantoria
da sonora hipocrisia

da promessa que é vazia?

Para que serves

palavra

quando só falas de morte,
de fome, dor e horror?

Graças ao Deus que não dorme ...

... serves para musa de amor!

PÔR-DO-SOL

Que interessa

que o sol se esvaia
e o meu dia acabe,

se o meu pôr-do-sol

é o nascer-do-sol

de alguém, como eu,
da vida amante

a despertar para a vida

num sonhar distante!

PORQUE O MUNDO ERA MUDO

Porque o mundo era mudo
Deus já estava disposto
a inventar o raio
e acabar com tudo!

Tinha criado

as fragas da terra,
lavrado o mar com as vagas do vento,
rosado o céu do fim da jornada,
brotado água da fonte do tempo,
enviado ao mundo a triste serpente ...

...

... e lavado as mãos como Pôncio Pilatos
ao findar da obra que uma semana levava.

Suspirou ..., mas a obra não acabara

porque do suspiro nasceu uma flor
que era bela e engendrou o amor!

E todos quiseram ser seus pretendentes,

as fragas rangeram, o mar murmurou,
o sol aqueceu, a água ferveu, o cão latiu,
o galo cantou, o touro mugiu,
o homem falou ...!

Só então Deus descansou!

SEI

Sei

que andas, que queres, que te aguentas,
que te esforças, que sofres e que tentas,

sei

que te punes, que rezas, que te flagelas ...,
que queres a perfeição ...,

mas não,

não é assim que te sentirás feliz
igual a Deus a reinar nos céus!

Sorri com humildade,
abraça o teu irmão
e dá-me a tua mão

que te levo no meu voo
para a Montanha Sábua

onde o Pardal,

por ser pequeno,

voa tanto como a Águia!

TUDO

Querida,

o que me dás é tanto
que sabendo não ser tudo
para mim é mesmo tudo ...

... e é por tudo ser
que não me interessa saber

se

com o resto do teu tudo
fazes, também,

a alegria

de outro alguém!

TECTO DO MUNDO

Cansado,
suado,

trepo para
o tecto do mundo ...,

... o mundo baixa
e fica mais fundo.

Quanto mais subo
mais do mundo
me isolo ...

... e tanto desolo
que sou solidão!

Não!

Não quero
ser a voz das alturas
lá do alto
ditando ditaduras,

recuso-me a mandar,

quero descer já ...,

... mas de funicular!

VENTO

Na quente acalmia,
correndo, correndo,
levantei os braços,
abri as mãos ...

... e criei o vento ...,

que contra mim soprou!

Quanto mais andava,
mais o vento soprava,

quanto mais corria,
mais o vento zunia ...,

... mãos a empurrar o vento
empurradas para trás ...,

... quanto mais corria,
mais o ar resistia ...

... e a força do vento
pelas mãos entrou,

desceu-me pelos braços,
entrou-me no peito
e foi paz que ficou!

Cansei, parei,
voltou a acalmia
e o vento amainou!

Sobrou o medo

da monotonia

do dia após dia!

SOL

Virei as costas à nuvem

e corri para o sol que amava
que, discreto e ameno,
ao longe despontava ...

... e o sol aqueceu!

Mas outro homem
fez uma barragem!

O sol arrefeceu,

a água cortou a estrada

e a estrada mergulhou em nada!

DESNUDA A ALMA

Ignora o corpo,

desnuda a alma,
respira profundamente
e acalma.

Veste-te de vermelho
e olha para um espelho.

Ver-te-ás garrida, querida
e muito ..., muito vida.

Só depois é que vestes o corpo!

LÁ LONGE, DISTANTE

Lá longe ..., distante ...,

vejo o fio de luz
que afunila na escuridão
e faz dela o túnel

onde voo
direcção à morte!

Já na queda indo

Deus deu-me a sorte
de em mim entrar

para me explicar
que, no mundo acabado,

a fonte da luz

está do outro lado!

SEM DESTINO

Mundo,

velho peregrino
apoiado num bordão ...,

... sonhador sem destino
e sem paixão

que

vagueia nos glaciares da dor agreste
na busca boreal do Pai-Celeste

e do Sol que o aquecerá ...,

... que tu e eu,

por estarmos mortos,

já sabemos que não há!

QUERO SER

Quero ser

o rio que a outros sucede,
a planície que segue a campina,
a sina que a cigana votou,

tudo o que nos pesa e mede,
tudo que vai ser e acabou,

quero ser

coisa com futuro passado,
passado com futuro que passou,

quero ser

tudo que mexe e trepida,

quero ser

tudo que morreu e é vida,

quero ser

coisa que Deus plantou,

quero ser

a história da tua memória,

a memória do que foi, mas ficou!

SAUDADES

Tinha saudades do que
sonhei

e não encontrara ...,

... até que encontrei!

Depois conheci!

Hoje tenho saudades
do que sonhei,

que não encontrara

e que depois encontrei!

GUEIXA NAKAMURA

Gueixa Nakamura:

A distância que te vai ao pôr-do-sol
é a mesma que me vai ao seu nascer,

eu, que sou símbolo da amargura
tu, que és a imagem do prazer.

Caminha seis horas para poente,
que horas seis eu avanço p'ra nascente ...

e, na doce ternura de abraçar,

seremos um mais um,
... dois ...,
... depois um par ...,

... finitos ...,

... mortais ...,

... quase normais!

AFINAL

Afinal eras como a formosa ria
que se vaza em maré baixa

e que nua

é só larvas, lodo,
cheiro a podre e porcaria.

Foi por isso
que deixei de te amar,

montei noutra maré

e fugi para o mar!

QUERO SER TUDO

Quero ser

pai, filho e mãe,
nada, algo e tudo,
sem, com e também,
Páscoa, Natal e Entrudo,

quero ser

velho, adulto e criança,
futuro, hoje e memória,
desespero, acalmia e esperança,
presença, indiferença e glória ...,

quero ser nobre e ser plebeu,
quero ser vitória e ser história,
quero ser meu e quero ser teu ...

mas, sobretudo,

quero ser Tudo e quer seu Eu!

QUANDO ENTARDECER

Quando entardecer ...

... que me interessa saber
o que me irá acontecer:

vida, sorte ...,
morte ...,
ressurreição ...,
visão de renascer ...,

ou

morte,
vida que acabou,

se já vivo a ilusão de ainda ser

e é por isso que hoje ainda sou!

SEM ABRIGO

Sem abrigo,
pobres, sujos, rotos,
quase mortos,

trapos amontoados
de desilusões vivas
e ilusões esquecidas
sem idade

espalhados na cidade

em recantos, arcadas, bancos, escadas,

capitalizados no desdém
dos cruzamentos e parqueamentos,

bêbados, drogados, cansados ...,

vidas acabadas sem rimar ...

... aves de asas cortadas

que olvidaram o voar!

O QUE NÃO VISLUMBRO

O que não vislumbro ... cheira-me,

cheira-me a nada e a tudo,
a nada que nada em nada,
a tudo que é nada e tudo.

O que não vislumbro ... oiço,

oiço o que tem som e não soa,
o que não tem som e ecoa.

O que não vislumbro ... sinto

e é por muito sentir
que com os olhos cerrados
vejo

campinas e prados,

o vale que corta o monte,
a cascata e o ribeiro,

a água que sai da fonte,
o amor que foi primeiro,

o filho que Deus me deu,
e o sol que me aqueceu,

o muito que amei,
todos a quem me dei,

a vida que já vivi

e o que sinto ao pé de ti

quando estás longe de mim!

SALMO

É no jeito do andar

e

na forma como desfazes
o novelo do teu cabelo

que no coração sinto
se já fizemos as pazes
e se me queres amar ...,

... mas é no salmo da sombra
dos teu olhos

que sei

se o mar está calmo ...,

ou naufrago nos escolhos!

CANDEEIRO SEM LUZ

Vi-te anos sem te ver,

encontros aconteciam
que não sabiam ser,

eras

peça inanimada,
mesa, escada,
candeeiro apagado,
letreiro ignorado,
coisa esquecida,
página virada sem ser lida.

Um dia olhei para ti ... e vi-te!

Não sei se foi o teu olhar, ou o meu,
só sei que acordei ...,

no candeeiro fez-se luz ...,
... a luz foi calor ...

... e acalentado em tanto afago

vivo hoje à luz de um amor

que não apago!

PORQUE TE AMO

Porque te amo?

Não sei
nem consigo explicar!

Como ousas questionar
a razão de respirar,

racionalizar o desejo

e dissecar no meu beijo

a alegria de um bemol,
o raiar do pôr-do-sol,
o amor de uma mãe,
uma ave que voou
e o carinho que te dou?

Mas saberei explicar

o explicar porque acabou!

DONOS DO TEMPO

Podemos
fazer do tempo
o que quisermos,

transformar
três anos
num só dia,

conhecer, cortejar,
amar, sofrer,

chegar ..., partir depois,

mas temos que ser dois,

um só não dá!

E TUDO COMEÇOU

... e tudo começou

quando

nos teus olhos vi
algo nunca visto:

um fulgor estranho

a dizer-me *existo!*

HOJE VOU VER-TE

Hoje vou ver-te!

Coisa estranha esta mistura
de excitação com a sensação de paz
que sinto!

Não te minto ...,
... quando não te vejo ...
... sou o desejo
que a saudade pariu
quando não te viu ...,

... hoje vou ver-te

e até sem tocar
sinto mais amor
e sinto mais amar ..

hoje vou ver-te

e recordo na pele dois beijos ligeiros,
que com os de hoje serão quatro,
amanhã seis ..., noutro dia oito ...,

até que, mais afoito, chegue o abraço

e depois ..., suados ..., o cansaço!

ESPERA

Amor,

aquece o frio
deste adeus
que desespera

no esperar por mim

que estou à tua espera!

NÃO INTERESSA

Aconteça
o que aconteça

não interessa
o que me interessa

porque, amor meu,

se o pouco que fiz
te fez feliz ...

... então,

quem está feliz sou eu!

ÉBANO

Ébano?

Ébano não ...,
... café com leite claro ...,

... macia, sedosa,

suave

... e cheirosa!

QUINTESSÊNCIA

Não esperar,
não sofrer,
não sentir,

só abstrair,

voar e planar
sem saber onde aterrar!

SAIR

Sair,
mudar,
viajar,
voar talvez,

para cada vez
mais gostar

de não ir,
estar

e não partir!

ALQUIMIA

Cavalguei a brisa,
amalgamei o símbolo
com o que simboliza

e

alquimista
da minha poesia

passei a enxofre

da minha alquimia!

SAÍDA

À saída

para trás olhei

e vi que na vida

corri, suei, sofri ...

... sem nunca ter saído

da porta de saída!

TEMPO AMIGO

Tempo,

coisa que a si própria
se gerou e se pariu

no tempo que já veio
e me fugiu,

hipócrita
que inventaste
a saudade

e me foges
porque és
Eternidade,

tu que corres
quando finges não passar

sê cortês,

abala de uma vez

e deixa-me acabar!

Poesias

**ainda não publicadas, ou por divulgar
de excelentes Poetas**

que fazem o favor de serem Amigos do Autor.

Nos teus olhos redondos e perfeitos

Nos teus olhos redondos e perfeitos
Acontecem coisas simplesmente belas,
Têm no brilho o ar festivo dos confeitos
E o colorido de um quadro de aguarelas.

Quando falamos de assuntos sérios
Mais parecem olhos de crianças,
Abrem-se mais, conquistando impérios
Tornam-se vagos, ocultando esperanças.

Mas o mais encantador de tudo isso
É que, nesse teu ar de castelã antiga
Há tanta frescura, tanto viço,
Que eu fico-me a pensar numa mentira
Para não correr atrás do teu feitiço.

Luís Saudade e Silva,
empresário, poeta.

Vida

Vou colocar a minha vida nas alturas
Subir ao cume das montanhas geladas
Colocar os meus pés em relvas não pisadas
Ainda tenras, virgens, verdes, puras,
Vou colocar a minha vida nas alturas
Para depois ter que subir para a ir viver
Mesmo que nela encontra só agruras
Que nem em poemas as possa eu dizer
Vou colocar a minha vida nas alturas
Há sempre um ponto mais alto a que ascender
Proseguirei desafiando desventuras
Escalando, passo a passo, as pedras duras
Degraus do caminho de um lugar mais fundo
Do termo da vida, do cabo do mundo,
Lá onde se desenha a cada um a sorte
Que o que há de mais certo na vida é a morte.

Isabel Xavier,
professora e poetisa
(poema do seu livro *Catedral*).

Cantar de Amigo

Florescem rosas
Há risos no prado
Vou à romaria
Mas não tenho amado.
Veio a Primavera
Está Abril em flor,
Cantam rouxinóis
E eu sem amor ...

Há festa no prado
Cheira a verde trigo
Quero ir bailar
Mas não tenho amigo.
Veio a Primavera
Está Abril em flor,
Cantam rouxinóis
E eu sem amor ...

Fui à romaria
E à Virgem orei
Ao sair da Ermida
Amigo encontrei.
Veio a Primavera
Está Abril em flor,
Cantam rouxinóis
E eu já tenho amor.

Joana Camões,
professora, Mestrado em
Literaturas Comparadas, poetisa e
declamadora.

Cavalgada ao luar

Perfis possantes e contudo
Tão soltos e elegantes
Dos cavalos galopando nas areias
Das praias míticas da minha infância
Nas noites de luar incandescente
Tórrido como o sol do meio-dia

Pois nada acalma a lua ruiva de Agosto
Nem os cavalos ruivos com cio
Que desabridos entram pelo mar

Um par a galopar uma viragem
E eis que deslassos se espojam na areia
Que as ondas cúpidas vêm banhar
E o abraço ofegante dos cavalos ruivos
Que copulam na areia escaldante
Sob a carícia ardente do luar.

Fátima Bastos,
professora, Mestrado em
Literaturas Comparadas
e poetisa.

A Igreja do Convento ou o Convento

Quando entro sinto medo.
Quando saio sinto-me defendido.

Quando entro penso que vou para um degredo.
Quando saio não penso. Saio novo, renascido!

A dificuldade reside na permanência:

Cá fora e lá dentro?

A decisão fica na ausência:

Ser cá fora?
Ou estar de fora com o coração lá dentro?

Francisco de Pina Queiroz,
poeta, estudioso e divulgador
da vida e obra de Fernando Pessoa.

Porque me foges, meu amor

Foste tu, meu único amor,
Quem despertou o meu coração fechado
E eu quero-te tanto
Que considero esse amor sagrado!

Porque me foges, meu amor distante
Com um sorriso lindo, mas sem dó,

Não vês que longe de ti
Eu já não vivo e estou triste e só?

Isabel Machado,
poetisa.

Ao meu amor

Lembro-me de ti
De madrugada
Quando o sol nasce
E tudo é novo,

Lembro-me de ti
Ao meio-dia
Quando a força
Da paixão
Éramos nós
E nada mais havia,

Lembro-me de ti
Ao fim da tarde
Quando a brisa
Me envolvia
Nos teus braços
E me deixava
Repousar,

Lembro-me de ti
Já tarde à noite
E no silêncio
Ainda oiço
A tua voz ...

... E tu, amor,
Lembras-te de nós?

Conceição Machado,
professora de Filosofia, poetisa e
declamadora.

Se ninguém te ama

Se ninguém te ama, a minha alegria é amar-te,
Se choras, desejo consolar-te,
Se ninguém precisa de ti, eu preciso,
Se te julgam inútil, eu não posso prescindir de ti,
Se estás vazio, a minha plenitude te encherá,
Se quiseres caminhar, eu irei contigo,
Se me chamares eu venho ao teu encontro,
Se te perderes, não descanso até te encontrar,
Se estás cansado, sou eu o teu descanso,
Se precisares de mim, digo estou aqui,
Se queres falar comigo, escuto-te sempre,
Se se esquecem de ti, eu nunca te esqueço,
Se nada tens, tens-me,

Se meditas em silêncio, a minha palavra mora no teu coração.

Graça Fernandes,
poetisa
(poema do seu livro
Caminhos da Graça).

Aos que já partiram

Àqueles que de nós já terminaram
Deixando-nos mais sós ... um brinde,

Deste dia
O nosso primeiro brinde ...

Façamos todos dos olhos taças de cristal
E ergamo-las bem alto num brinde triunfal
De lágrimas saudosas que embargam a voz,
Mas que são o *champagne* mais puro
Que nós poderemos erguer em sua memória ...

Porque enquanto houver
Um que chorar assim
Nenhum de nós, dos que fomos,
Nenhum de nós dos que ainda somos
Terá fim ...

Ângelo Araújo,
médico, eminente poeta
e ilustre coimbrão
(poema do seu livro
Amor, Amor e mais Nada).

F I M

**(Quando me sinto isolado
fecho a porta e escrevo
porque fico acompanhado!)**

ÍNDICE

CARTA-PREFÁCIO (ANTÓNIO MANUEL COUTO VIANA)	5
SAÍSTE DO MEU ESPAÇO	17
GOZA	18
PINTEI UMA JANELA NO ESPAÇO	20
MULHER LINDA QUE ÉS BALANÇA	21
NASCER DO SOL	22
BRUMA	23
SE FOSSE CEGO	24
GASTRONOMIA ALENTEJANA	25
O POETA QUE PROCURA	27
LINHO QUE FIA NO FUSO	28
MULHER DE MEIA IDADE	29
PERSPECTIVA	31
CACHOEIRA	33
SONHO E REALIDADE	35
SORRISO	36
SE FOSSE DEUS	37
NASCI FEIO	40
HOMEM DÍGITO	42
BARCA DA ESPERANÇA	43
SOU O SENHOR	45
A RIBEIRA NAMOROU O RIACHO	47
ILHAS VERDE ESCURAS	49

ÁGUA, MEU CAMINHO.....	50
LUZ QUE DIVIDE	51
SILHUETAS	52
MENINA TRISTE	54
MOINHO	55
AO SABOR DA CORRENTE	57
CONVENTO COM VENTO	59
MOVIMENTO	60
NÃO VIVI	62
NO SONHO ALICERCEI A MINHA CASA	63
NOITE SEQUESTRADA	64
COCKTAIL	66
CONFISSÃO	68
CONTEMPLAÇÃO	69
CRISPAÇÃO	70
ESPAÇO	72
FALÉSIA	74
FANTASIA	76
FIZEMOS UM FILHO SEM NOS TOCARMOS	77
FUI A SOMBRA.....	79
FUI BUSCAR-TE.....	81
HISTÓRIA	83
INCERTEZA	85
LUTEI	87
NÃO SEI O QUE É.....	89
NÃO SEI O QUE VAI SER	90
NO QUENTE DO TEU LEITO	91
NUVENS NEGRAS	92
O SOM ESTÁ NOS NOSSOS OUVIDOS	93
POLVARANHA.....	95
PALAVRA.....	98
PÔR-DO-SOL	99
PORQUE O MUNDO ERA MUDO	100

SEI	101
TUDO	102
TECTO DO MUNDO	103
VENTO	104
SOL	106
DESNUDA A ALMA	107
LÁ LONGE, DISTANTE	108
SEM DESTINO	109
QUERO SER	110
SAUDADES	111
GUEIXA NAKAMURA	112
AFINAL	113
QUERO SER TUDO	114
QUANDO ENTARDECER	115
SEM ABRIGO	116
O QUE NÃO VISLUMBRO	117
SALMO	119
CANDEEIRO SEM LUZ	120
PORQUE TE AMO	121
DONOS DO TEMPO	122
E TUDO COMEÇOU	123
HOJE VOU VER-TE	124
ESPERA	125
NÃO INTERESSA	126
ÉBANO	127
QUINTESSÊNCIA	128
SAIR	129
ALQUIMIA	130
SAÍDA	131
TEMPO AMIGO	132

Poesias de Amigos do Autor

Luís Saudade e Silva	135
Isabel Xavier	136
Joana Camões	137
Fátima Bastos	138
Francisco de Pina Queiroz	139
Isabel Machado	140
Conceição Machado	141
Graça Fernandes	142
Ângelo Araújo	143

solicite o nosso catálogo escrevendo para:
Apartado 1326
1009-001 Lisboa
ou
hugin@netcabo.pt

Catálogo on-line: <http://hugin.shopping.sapo.pt>



«Conjunto de poemas de sugestão líquida constantemente voltados ao mar, voltados ao rio, penetrados de água (...) O cheiro, palavra dominante na sua musa eminentemente olfactiva, como outra não conheço na Poesia Portuguesa (...) A sensualidade é mais densa, mais forte, se se lhe aspira o cheiro (...) O jogo sábio e subtil da palavra (...) A consagração (...) Que tem e a merece»

António Manuel Couto Viana

Só quando

fugiste da rotina
do meu espaço
é que senti,

uma tardia,

a falta do suporte do teu braço

e que, sem ele, me fustigava a nostalgia ...

... E foi

com tinta de alegria tornada saudade

que pintei no quadro da minha fantasia

a Paixão que nos conduz à Eternidade

e que um dia vai ser a minha via;

um Céu cinza cor-da-dor-de-Cristo,

um Rato-de-Sol que em minha chaga acerta,

uma tabuleta negra dizendo não existo

e em baixo, amor ...,

... a tua mão aberta!